

grátis!

O SAMBA

é meu dom

ANO I Nº 02 – JORNAL BIMESTRAL – EDITADO POR OSAMBA.NET – DE ABRIL A MAIO DE 2008 – PREÇO: CEM MIL RÉIS

0800 DAS RODAS

Oito ótimos lugares para sambar sem pagar



PÁGINAS 2 E 3

BRUNO VILLAS BÔAS

Tudo se transformou

Paulinho da Viola viaja no tempo, diz que não sabe como poderia ajudar a Portela atualmente e reconhece: 'Não conseguiria fazer um samba-enredo hoje'. Sinais das mudanças que tanto combateu

PÁGINAS 4 E 5

Oito lugares onde o samba não tem preço



Nada de covert: conheça as rodas 0800

THALES RAMOS

BRUNO VILLAS BÔAS

Não é exagero dizer que no “Rio de Janeiro todo mundo vai de samba”, como cantava Jackson do Pandeiro. Nos dois últimos meses, andamos a cidade de ponta a ponta – e mais um pouco – para mapear as rodas e fazer um roteiro que não dói no bolso de ninguém: é tudo gratuito.

A semana começa na Pedra do Sal, velho reduto de Pixinguinha e João da Baiana, que reúne o Batuque na Cozinha e compositores a partir das 18h. “A idéia é cantar sambas que não tocamos em nossos shows e alguns inéditos apresentados por amigos”, explica André Corrêa, do Batuque. A roda não tem microfone por conta da vizinhança, que volta e meia atira ovos no público. Nada que atrapalhe.

Ainda na segunda, o tradicional Bip Bip, em Copacabana, ataca de chorinho. O bar é pequeno, mas traz uma decoração de fotos interessantes, como a de João Nogueira e Roberto Ribeiro abraçados. “Comecei isso aqui com a ajuda de gente como Cristina Buarque e Elton Medeiros”, lembra Alfredo Mello, dono do bar há 14 anos.

Na terça, a dica é atravessar a ponte. O quarteto Situkerê faz um som de primeira em Niterói. A cantora Mônica no vocal só comprova a falta que fazem as mulheres nas rodas. Ao lado dela têm as piadas impagáveis de Almir (pandeiro), além de Joel (7 cordas) e Ernane (cavaco), que já gravou até comercial com Zeca Pagodinho. A roda começa às 20h, no Bar Mãe D’Água, em São Domingos.

BECO DO RATO. Quem ficar no Rio não pode perder o Beco do Rato, na Lapa. A roda também é levada no gogó. “Quando começamos, queríamos resgatar o clima da Joaquim Silva de dez anos atrás”, diz o percussionista e compositor Mingo. Dando sorte, você pode presenciar um duelo de partido-alto (artigo raro hoje em dia) entre Baiaco, Chacrinha, Café e Bananada, o faz-tudo da casa.

Bip Bip e Pedra do Sal voltam a ser a pedida na quarta-feira. O bar retorna ao passado e faz uma roda de bossa nova. Já na Gamboa rola o projeto “Samba na fonte”. “A idéia é



Quilombo Pedro Ivo, vocalista da escola de Candeia, em participação especial na roda dos Baluartes do Turiaçu

fazer daqui um celeiro de compositores”, argumenta Ferreira, um de seus organizadores.

Quinta-feira você pára, respira e se apronta para o final de semana. Algumas rodas ocorrem uma vez por mês, o que aumenta a expectativa sobre elas. Na sexta, fique atento ao Beco do Rato. O pessoal sai do trabalho e vai direto para lá. Depois de certa hora, a rapaziada já está por conta. Segure a cabrocha pelo pulso e o malandro pela cintura, qualquer piscar de olhos e você perde o par. Uma dica: o caldinho de feijão do bar em frente é a boa.

No primeiro sábado do mês, às 19h (depois da feijoada da Portela), a roda Buraco do Galo busca resgatar a tradição de compositores de Oswaldo Cruz. Existe há 11 anos. O microfone fica aberto para cada compositor cantar até três músicas. O coral de pastoras já vale a ida ao lugar, assim como

o mocotó e a barraca de pastéis. No segundo sábado do mês tem a feijoada do Quilombo, em Fazenda Botafogo. Tire foto do lado do busto de Candeia, o lugar tem história.

No segundo domingo do mês volte a Niterói e suba o morro São Lourenço. Na praça onde rola o samba está a igreja São Lourenço, a mais antiga do país. Confira a barraca da dona Macira, especialista em “comida pesada”, como ela mesma diz. No terceiro domingo é a vez dos Baluartes do Turiaçu. O pessoal da Velha Guarda do Império fecha a rua e promove uma dinâmica roda.

A contribuição está dada. É só rodar.



Saiba mais sobre essas e outras rodas de samba no site www.osamba.net

REALIZAÇÃO

RIVAL

PETROBRAS

DE TERREIRO EM TERREIRO

O NOVO SHOW DO galocantô

o galo canta a história do samba em homenagem ao jornalista roberto m. moura, autor do livro “no princípio, era a roda”.

TEATRO RIVAL PETROBRAS
25 e 26 de abril de 2008 (sexta e sábado), 20h
RUA ÁLVARO ALVIM, 33
CINELÂNDIA
TEL 2240-4069

INGRESSOS
SETOR A
R\$40,00 (INTEIRA)
R\$20,00 (ESTUDANTES, IDOSOS E PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL)
SETOR B
R\$35,00 (INTEIRA)
R\$30,00 (150 PRIMEIROS PAGANTES)
R\$17,50 (ESTUDANTES, IDOSOS E PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL)

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS
WANDERLEY MONTEIRO E LUIZA DIONIZIO (SEXTA)
MOYSEIS MARQUES E PARTIDEIROS DO CACIQUE (SÁBADO)

PATROCÍNIO À CASA
PETROBRAS

PROMOÇÃO
mpb

APOIO CULTURAL
SAMBA
O SAMBA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA 16 ANOS



A vida em obras de Paulinho

THIAGO DIAS, EMILIANO MELLO e THALES RAMOS

BEBADOSAMBA (1996)

“A música ‘Bebadosamba’ foi feita na última hora. Eu ia entregar o disco sem aquilo, mas sabia que faltava alguma coisa, fiquei desesperado. Em uma noite, sentei na sala. Tinha um silêncio, só o mar fazia barulho. Eu preocupado. Veio a imagem de uma pessoa, que eu não vou falar o nome (NR: o poeta João Cabral de Melo Neto). Eu tinha lido uma entrevista dela dizendo que ‘odiava música’.

Foi começar a escrever e não parar mais. No outro dia levei meu filho (João Rabello), que era pequeno, dei um agogô a ele e mostrei o ritmo. Ele fez direitinho e foi gravado assim. Isso fechou o disco. Esta música explica o que é o disco.”

PRISMA LUMINOSO (1983)

“É o disco que eu mais gosto. Até aí, eu gravava quase todo ano. Mas, a partir de 1983, começou uma transição. Ninguém sabia o que ia acontecer, já estavam investindo em rock de garagem, Paralamas,

Blitz... Eu lancei o disco e viajei, para divulgar. Havia um desinteresse, você ligava rádio, TV e não ouvia mais samba sendo tocado.”

ATODA HORA ROLA UMA HISTÓRIA (1982)

“Um dia antes de ir para o estúdio eu não tinha uma música pronta. Eu ia chegar lá e dizer ‘olha gente, tive um problema, não foi possível, vamos marcar pra depois’. Naquela madrugada fiz um samba e já comecei a fazer outro. No outro dia já tinha outro e depois vinha outro. Gravei muito assim, até 1983.”

PAULINHO DA VIOLA (1981)

“Saiu texto do Sérgio Cabral sem revisão, havia erros da pessoa que datilografou. Uma zona. O disco também estava todo cortado, todo desfigurado. Isso me incomodou tanto que eu não quis mais ouvi-lo. O Charles Gavin me disse que tinha a fita máster dele e mandou a cópia... Quando eu ouvi, pensei: esse é o meu disco. Fiquei tão emocionado que liguei para o Charles: ‘Cara, você não sabe o que fez’. Ele salvou uma coisa que tinha um peso enorme.”

MEMÓRIAS CHORANDO E MEMÓRIAS CANTANDO (1976)

“Em março, disse à gravadora que não iria gravar no ano. O diretor fez a planilha do ano todo, pois o estúdio era concorrido por muitos artistas. Quando chegou agosto, eu tinha uma coisa na minha cabeça, eu estava muito envolvido com choro. Fui no diretor e disse que queria gravar, que faria até de madrugada. Ele disse que daria um jeito. Mas eu falei: ‘Só tem uma coisa, são dois discos’. Eu fiz as fotos da capa, os textos, as músicas, parte dos arranjos.”

FOTOS DE BRUNO VILLAS BÔAS

“O maior sambista vivo é Roberto Silva”

Paulinho da Viola geralmente é citado como o maior sambista vivo do Brasil. Como aqui no jornal O SAMBA. Só que ele mesmo não concorda, como faz a maioria dos ídolos considerados insuperáveis. “O maior sambista vivo do Brasil é Roberto Silva”, diz o mestre depois de puxar da memória tantos bambas que conheceu e conviveu.

A lembrança de Roberto Silva vem de sua infância. Bem novo, Paulinho acompanhava o pai, o violinista César Faria, em gravações com o “Príncipe do Samba”. Aprendeu a admirá-lo, assim como a tantos outros que teve a oportunidade de conhecer dentro de sua casa.

Músico de primeira, César foi amigo e parceiro de feras como Pixinguinha e Jacob do Bandolim. Paulinho cresceu ouvindo o que havia de melhor.



Paulinho “A MTV tem um público dela. Mas meu trabalho já vem de alguns anos conquistando uma faixa jovem”

Como tudo virou

um bebadosamba

THIAGO DIAS, EMILIANO MELLO e THALES RAMOS

A pergunta demora alguns segundos para ser respondida. Indagado se conseguiria imaginar uma forma de ajudar hoje a Portela a retornar aos tempos de campeã, Paulinho da Viola pára, pensa um pouco e diz sem titubear: “Não”. O maior sambista vivo do país reconhece que, atualmente, não sabe como usar seu nome para levantar a escola do coração. Sinal do tempo, sinal das mudanças.

Conversar com Paulinho é viajar na história. Do Brasil, do Rio de Janeiro, da música popular e, claro, do samba. Ele conheceu de perto alguns dos maiores nomes da cultura, viu algumas das principais transformações da sociedade e um dia lutou muito para que as escolas não virassem o que viraram hoje - negócio. “Passei muito tempo fazendo críticas, dizendo o que eu achava, até que um dia eu pensei: ‘Acho que o pessoal deve dizer todo ano: lá vem esse chato falar de novo’. Sempre os jornalistas me ligavam, em véspera de carnaval, para comentar sobre a situação e percebi que era pilha. Aí não falei mais”, resume.

É essa visão que também o afastou das brigas na Portela, postura bem diferente de seu início na escola, quando, ao lado de amigos como Candeia, batia de frente com os novos rumos tomados pela direção. De longe, sem freqüentar a quadra como antes, diz não saber como ajudar. Pelo menos vê que sua antiga luta tem dado resultado anos depois: os ícones da agremiação, como a Velha Guarda, cada vez ganham mais espaço na quadra.

“Vejo que a Portela vem mudando. É até um reflexo dessa carência. A feijoada da Velha Guarda enche cada vez mais. É uma forma de dizer: Olha como somos importantes, olha como as pessoas gostam”. Ele sempre gostou.

Quando chegou na Portela, ainda garoto, buscou a aprovação dos mais velhos e em 1966 conseguiu levar um samba seu para a avenida, “Memórias de um sargento de milícias”, que deu o título à Águia. Faz tempo que não concorre mais. Nos anos 70, chegou a ajudar na escolha como jurado, mas se irritou com a forma dos julgamentos.

Também não gostou quando um membro da diretoria tentou obrigar a ala dos compositores a adotar o estilo do famoso “Pega no ganzê / Pega no ganzá” do Salgueiro. Hoje, Paulinho admite: não venceria um samba-enredo na Portela. “Acho que eu não conseguiria fazer um samba para um andamento tão rápido. Nunca nem tentei. Nunca me imaginei fazendo um samba acelerado assim”,



conta Paulinho.

Não que o mestre seja saudosista, que sonhe com o retorno dos antigos carnavais. Como já mostrou no documentário “Meu tempo é hoje”, Paulinho guarda o passado dentro de si. Mas o portelense aproveita o papo com O SAMBA para esclarecer: às vezes, sente saudades, sim. “Quando falei de saudade, aquilo não foi muito bem colocado. Acho que até foi muito radical, e eu não sou exatamente assim”, diz, sobre a afirmação no filme de que “nunca sente saudades”.

O compositor conta que um dia foi abordado na rua por uma mulher, que ficou chocada com a declaração. Ela havia acabado de perder uma pessoa querida e não se conformava. “Ela me falava: ‘Como você pode dizer uma coisa dessa, que não sente saudades? Acabei de perder uma pessoa que amo, importante na minha vida, e não estou me agüentando em pé’. Pedi desculpa, disse que não era bem assim... Fiquei tão sem graça que acabei chorando com ela”. E completa: “Já senti falta de pessoas. Meu pai, que morreu há pouco tempo. Muitas pessoas, amigos que eu perdi”.

Paulinho gosta de dizer “não vivo do passado, o passado vive em mim”. E o samba também.

PAULO DA PORTELA. Paulinho da Viola é o padrinho da Velha Guarda da Portela, mas é ele quem pede a benção aos baluartes. O respeito é mútuo. O amor também. Paulinho produziu o primeiro disco do grupo, em 1970, e foi apontado pelos mestres como o sucessor do maior líder da águia nos versos da música “De Paulo da Portela a Paulinho da Viola”, de Monarco e Francisco Santana. “Não me vejo como sucessor dele, de jeito nenhum”, diz Paulinho.

Paulo fundou a escola e emprestou seu nome artístico para batizá-la. Na linhagem de líderes, deu lugar a Natal, que fez a agremiação tornar-se a maior campeã do carnaval. Para Paulinho, quem seria então o sucessor do fundador da escola de samba?

“Teve o Candeia... Mas os tempos são outros, não existe mais isso”, desconversa. Então, por que a Velha Guarda, memória viva da Portela, o elegeu para o posto? “Foi um gesto de carinho deles”, diz. Assim como Candeia e Picolino, eles lhe desejam muito mais.

Paulinho da Viola “Passei muito tempo fazendo críticas”

plur@rte
www.plurarte.com.br

Livros - CDs - DVDs - LPs - Partituras - Pequenas editoras
Gravadoras alternativas - Artistas independentes...



Difícil encontrar?
Nós temos!

Paulo da Portela, o bamba maior

THALES RAMOS e THIAGO DIAS

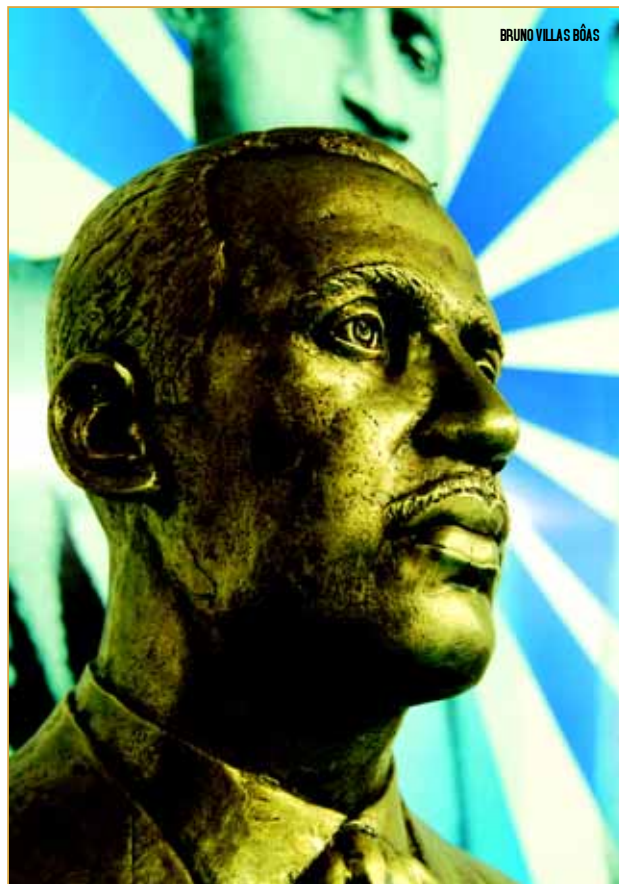
Na década de 30, todos só falavam Paulo Benjamim de Oliveira. Ele era o cara do mundo do samba. Antes mesmo da Portela existir, ele já era o Paulo da Portela. Em fevereiro, o “maior dos bambas” ganhou mais um busto em Madureira, desta vez na sede da sua escola. Merecia mais? Da azul e branco, do Rio de Janeiro, do Brasil? Para seus familiares e fãs, as homenagens ainda são poucas.

“A cidade não reconhece a importância dele”, queixa-se Umberto Alves, sobrinho-neto de Paulo. “O Cartola diz que fez muito pela Mangueira, mas que o Paulo fez pelo samba”, lembra o pesquisador Luis Carlos Magalhães, professor de carnaval na Estácio de Sá e produtor de um documentário sobre o centenário do lustrador de móveis.

Enquanto bambas como Cartola, Nelson Cavaquinho e Candeia, por exemplo, são homenageados em discos e shows ano a ano, pouco se fala de Paulo. Para se ter uma idéia de sua importância, ele foi o primeiro sambista a fazer a ligação entre morro e asfalto, favela e cidade, quando o preconceito não tinha vergonha e os bambas apanhavam por carregarem tamborins. Ficou amigo de jornalistas e sempre corria para as redações para defender o samba.

Paulo faturou os principais títulos que um sambista poderia ganhar nos anos 30: maior compositor das escolas, dado pelo diário “A Nação” em 1935; Cidadão-Momo, pelo “Diário da Noite” um ano depois; e “Cidadão-Samba”, pelo jornal “A Pátria”, em 1937. Cerca de 100 mil pessoas chegaram a recebê-lo em um carnaval na Central do Brasil. “Ele foi o maior. Uma coisa que não dá para entender é o fato de a Mangueira ter feito em 1999 uma comissão de frente com os maiores nomes do samba e não ter colocado o Paulo!”, lembra Luis Carlos. “Eu fico imaginando como ele conseguia circular tanto? Entre todas as escolas, apesar da rivalidade, e entre os ricos. Ele foi além das escolas, do samba. Se fosse americano, seria um Martin Luther King”, compara Umberto. Nos EUA, Paulo virou até Zé Carioca, personagem criado por Walt Disney após visita à quadra da Portela.

“Ele fazia política no samba”, afirma Umberto, para exaltar a liderança do “professor”. Simpatizante do comunismo, Paulo fez samba-enredo na Lira do Amor em homenagem a Luiz Carlos Prestes e foi



Paulo Busto na quadra da Portela, em Madureira

filiado ao Partido Trabalhista Nacional. “Para mim, ele deixou um legado ideológico, de melhor vida para todos. É como um mestre”, diz.

Hoje, de concreto, poucos registros guardam a memória de Paulo. O principal é a biografia “Paulo da Portela, traço de união entre duas cidades”, lançada em 1979 por Marília Barboza da Silva e Lygia Santos, já esgotada. Em 2001, Luis Carlos ajudou a produzir o documentário “O teu nome não caiu no esquecimento”, dirigido por Demerval Neto e baseado no livro. Umberto, produtor cultural, tem vários projetos, mas encontra dificuldade para encontrar patrocínio e colocá-los na rua: uma peça, que já teve leitura no auditório do jornal “O Globo”; um site oficial; um filme; mais um documentário; e um livro, com documentos raros da Portela guardados com sua família.

O jornal teve acesso a uma destas relíquias: um caderno de 1935, com letras de músicas dos compositores portelenses, incluindo Paulo, Ventura e Alcides, o malandro histórico, escritas a mão. Entre

O busto da discórdia

A Portela fez festa para inaugurar o busto de Paulo em sua sede. Afinal, ele voltava para casa, depois de ter brigado no carnaval de 1941 para nunca mais retornar. Nem morto, como queria Natal em seu enterro oito anos depois, mas proibido pela viúva Maria Elisa. Porém, quem conhece bem a história do bamba achou estranha a escultura em bronze. Era ele realmente retratado ali?

“Olha, eu não achei parecido não...”, diz Umberto, o sobrinho-neto e um dos familiares mais empenhados em manter viva a história do “professor”. O pesquisador Luis Carlos Magalhães também olha com desconfiança para o busto. Em sua coluna no site do jornal “O Dia”, fez até um “jogo dos sete erros” da imagem. “Se você colocá-lo no centro de Madureira, ninguém vai reconhecê-lo!”, desafia.

Alguns erros apontados por Luis Carlos: Paulo tinha o nariz aquilino (“Como Bob Dylan”, diz); o cabelo não tinha as “entradas” que estão na imagem; e as bochechas do bamba não eram tão acentuadas. O pesquisador faz até uma sugestão: trocar o busto de lugar com o da praça em Madureira que leva o nome do “professor”.

elas está “Cidade Mulher”, do antológico verso “quem te fala é um sambista, anteprojeto de artista”. “Perdemos muitas coisas em incêndio, mudanças”, lamenta o sobrinho-neto. Com Luis Carlos, O SAMBA conseguiu outras duas raridades: as únicas gravações existentes do mestre cantando, retiradas do acervo de José Ramos Tinhorão. Datam de 1930, em um disco de canções de Heitor dos Prazeres. “Em seu livro sobre a história da música popular brasileira, Tinhorão só usa adjetivo para um artista: o Paulo, que ele chama de legendário”, conta.

O “professor” foi embora cedo, em 1949, e poucas pessoas que conviveram com ele estão vivas hoje, como a afilhada Eunice e as veteranas da Portela Neném e Dodô. Sua história corre de boca a boca, de pessoas que lutam para não vê-la morrer. “Minha enteada não conhece o Paulo. Temos que fazer essa geração conhecê-lo”, conclui Umberto.



Áudios exclusivos da Portela e o livro de 1935 de Paulo no site www.osamba.net

Expediente

Tiragem - 5.000 exemplares / Impressão: Gráfica Jornal do Commercio
Periodicidade - bimestral
Jornalistas: Bruno Villas Bôas (MTbE - 26505/RJ) e Thiago Dias (MTbE - 27349/RJ)

Projeto gráfico: Marcus Assunção / Diagramação: Bruno Villas Bôas
Logomarca: Emiliano Mello
E-mail: blogsamba@gmail.com
Telefones: (21) 3026-4369 / (21) 8533-1981 / (21) 8517-6056



THIAGO DIAS

Boatos ou não, o mundo do samba é recheado de polêmicas e brigas entre vários artistas. Alguns negam as confusões, como Paulinho da Viola em relação a Benito di Paula. Outros confirmam o imbróglio, como Noel Rosa e Wilson Batista. Há casos que não passam de brincadeira entre amigos. O SAMBA listou algumas das disputas entre os bambas. Acredite nelas se quiser.

Martinho da Vila x Chico Buarque - Em 1967, Chico foi jurado do desfile carioca. Não deu nota 10 para o samba da Vila Isabel, feito por Martinho da Vila e Gemeu para o enredo “Carnaval das ilusões”. A escola acabou em quarto lugar. A avaliação de Chico não agradou Martinho. Pouco tempo depois, o Zé Ferreira escreveu a música “Caramba”, que dizia: “Malha, malha, malhador/ que não aceita a evolução/ (...) Caramba, nem o Chico entendeu o enredo do meu samba”.

Noel Rosa x Wilson Batista - Muito antes de Martinho despontar na Vila, Noel Rosa encantava na área. Em defesa do bairro, travou um duelo inesquecível com Wilson Batista,

um dos bambas da Lapa. A briga tornou-se pública e famosa. Em resposta a “Lenço no Pescoço” de Wilson, Noel lançou “Rapaz folgado”. Nela, criticava o estilo do rival: “Compra sapato e gravata / Joga fora esta navalha que te atrapalha”. Depois, para “Mocinho da Vila”, Noel criou uma de suas músicas mais famosas, “Feitiço da Vila”. A polêmica ainda rendeu outra obra-prima de Rosa, “Palpite infeliz”.

Paulinho da Viola x Benito di Paula - De gravatinha, terno, cabelo comprido e piano, Benito di Paula fazia o povo requebrar com seu samba diferente. Foi logo tachado de brega. Quando surgiu, Benito criou polêmica. Era criticado pelo seu estilo de tocar samba. Coincidentemente, naquela época, Paulinho da Viola lançou “Argumento”. O portelense dizia: “Tá legal, eu aceito o argumento / Mas não me altere o samba tanto assim”. Ao jornal O SAMBA, Paulinho mostrou-se magoado com o boato e negou veementemente que o alvo fosse Benito: “Claro que não é para ele, eu nunca faria isso com um colega”. Está aceito o argumento.

João Nogueira x Caetano Veloso - No histórico disco “Clube do samba”, de 1979, João Nogueira (em parceria com

PC Pinheiro), detona um tal de “Iô-Iô” na faixa 11. Há versos assim: “Você exalta a Bahia, porém nunca mais por lá ficou / E deu pra falar mal do Rio, morando aos pés do Redentor” e “Homem que é homem não muda como você mudou”. Muitos dizem que a crítica era para Caetano Veloso.

Chico Buarque x Ciro Monteiro - Grandes amigos, Chico e Ciro tinham um ponto de discórdia: o futebol. Buarque é Fluminense, Monteiro era Flamengo. Fanáticos. Em 1969, Ciro resolveu provocar o tricolor: disse que presentearia Silvia, filha recém-nascida de Chico, com uma camisa rubro-negra. Chico não perdeu tempo e fez a música “Ilmo. Sr. Ciro Monteiro”, também chamada de “Receita para virar casaca de neném”. Nela, diz: “Minha petiz agradece a camisa / Que lhe deste à guisa de gentil presente / Mas caro nego, um pano rubro-negro / É presente de grego não de um bom irmão”. Chico termina afirmando que “nasceu desse jeito uma outra tricolor”. Mas Silvia acabou virando rubro-negra.

Clara Nunes x Beth Carvalho - O duelo fez lembrar a disputa entre Marlene e Emilinha, as divas do rádio. Na biografia de Clara, o autor Vagner Fernandes tenta explicar a rivalidade. Segundo o livro, as duas começaram a se estranhar quando Clara gravou um disco de samba na Odeon. Fez sucesso e gerou ciúme em Beth, que havia proposto um LP do gênero antes e não teve a idéia aceita pela gravadora. “O que eu conhecia dela era o fato de ser uma cantora de música brega. Ela não tinha nada a ver com samba, era mineira. Eu tinha, sou carioca”, diz Beth no livro, insinuando ainda que a rival era manguense e que passou a frequentar a Portela e a se vestir de branco por imposição do produtor Adelzon Alves.

Arlindo Cruz x Sombrinha - Alguns dos maiores sucessos do Fundo de Quintal levam a assinatura da dupla, como “O show tem que continuar” (com Luiz Carlos da Vila) e “Só pra contrariar” (com Almir Guineto). Em 1993, deixaram o grupo e partiram para a carreira solo. Três anos depois, uniram-se e formaram a dupla Arlindo Cruz e Sombrinha. Lançaram três discos juntos e, em notícia surpreendente, anunciaram a separação em 2002. Arlindo disse que o acordo foi amigável. Sombrinha mostrou-se, por outro lado, surpreso e ficou magoado com a decisão anunciada pelo parceiro. “Nunca fui convidado para participar do pagode que ele organiza na Barra da Tijuca com convidados e parece que perdemos 8 anos de trabalho”, disse na época.

Wilson Moreira quer voltar a gravar

BRUNO VILLAS BÔAS

THALES RAMOS

Quando Wilson Moreira teve problemas de saúde em 1997, o mundo do samba se reuniu em um show para ajudar no tratamento. Paulinho da Viola, Zeca Pagodinho, Zé Ketti e Nelson Sargento foram apenas alguns dos presentes à homenagem. A mídia pouco divulgou o evento, o que não impediu a presença de 1 mil pessoas no Teatro João Caetano, no Rio. Meses depois, Wilson afirmou: “Vencemos a mídia.”

Agora, a batalha do compositor, autor de clássicos como “Goiabada Cascão”, “Judia de mim”, “Deixa Clarear” e “Senhora liberdade”, é voltar a gravar. Mas as grandes gravadoras têm seus medalhões e as independentes exigem investimento do próprio bolso dos artistas. Wilson se diz decepcionado com o mercado e explica que tem dois projetos engavetados por conta da desistência de patrocinadores:

“O samba sempre foi assim, passando por essa dificuldade. Depois que você grava, ainda tem que depender das rádios”, lamenta Wilson Moreira, acrescentando que, apesar das dificuldades, não se permitiu parar de compor. “O compositor não pode parar. Continuo compondo muito. Até hoje me procuram pedindo música.”

Sem gravadora, ele apresenta suas novas composições nas rodas de samba para as quais é convidado. Foi o caso do evento de lançamento da segunda edição do jornal **O SAMBA**, no qual foi a participação especial, acompanhado pelo Samba da Amendoeira. O Bar da Ladeira, na Lapa, lotou em uma noite memorável do sambista.



Alicate Sambista se diz decepcionado com a indústria fonográfica e batalha para lançar seu centro cultural na Zona Portuária do Rio

Os sambas de Wilson são marcados por uma forte exaltação à cultura negra, como nos discos “Entidades”, “Okolofé” e “Arte negra de Wilson Moreira e Nei Lopes”. Ele admite que sua música favorita é “Senhora Liberdade”, feita em parceria com Nei Lopes. Esse samba foi, inclusive, um grande sucesso na voz de Zezé Motta.

Aposentado como inspetor de segurança penitenciária, depois de também trabalhar como engraxate e guia de cego, Wilson lembra

que recebeu uma proposta do parceiro e advogado Nei Lopes para fazer uma música na “área” deles. “Eu cantarolei pelo telefone a melodia. Geralmente eu faço a melodia. No dia seguinte, o Nei tinha feito ‘abre as asas sobre mim, oh senhora liberdade’. E depois, veio o resto”, conta.

“Senhora Liberdade”, que a princípio se chamaria “Violenta emoção”, proporcionou momentos memoráveis ao Alicate, apelido que Wilson ganhou de Xangô da Mangueira por

causa do forte aperto de mão. Ele lembra, por exemplo, de uma história que aconteceu em um show no teatro Rival, no Rio.

“As pessoas estavam cantando em coro. Eu, que não levantava o braço por causa do AVC, fiquei parado igual a um Cristo no palco”, conta Wilson Moreira. Além de batalhar para gravar um novo CD, o sambista busca parceiros para lançar seu centro cultural, projeto capitaneado por sua esposa, Angela Nenzy. A idéia é disponibilizar banco de dados e oficinas.

24 DE ABRIL, QUINTA-FEIRA, ÀS 20h, NA LAPA

BAR DA LADEIRA
RUA EVARISTO DA VEIGA, 149
LAPA, RIO DE JANEIRO
COUVERT R\$ 10

UM EVENTO DO JORNAL
O SAMBA
é meu dom

MONARCO
COM SAMBA DA AMENDOEIRA